

Teresa Joaquim

CUIDAR DOS OUTROS, CUIDAR DE SI
questões em torno da maternidade



Título:
Cuidar dos Outros, Cuidar de Si
questões em torno da maternidade

Autora:
Teresa Joaquim

Revisão:
M. Manuela V. C. Gomes da Silva

Capa:
Carlos Vieira Reis



© Livros Horizonte, 2006

ISBN 972-24-1429-1

Paginação:
Gráfica 99

Impressão:
Tipografia Guerra, Viseu

Setembro 2006

Dep. Legal n.º 234535/05



Reservados todos os direitos de publicação
total ou parcial para a língua portuguesa por
LIVROS HORIZONTE, LDA.
Rua das Chagas, 17-1.º Dt.º – 1200-106 LISBOA
E-mail: livroshorizonte@mail.telepac.pt

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	7
MULHERES DE UMA ALDEIA	11
A QUESTÃO DA MATERNIDADE E O IMAGINÁRIO COLECTIVO	15
MUDAM-SE OS TEMPOS	21
DA NOITE À LUZ, O MEDO	25
MATERNIDADES E ADOLESCÊNCIAS	33
DE QUE DORES FALAMOS? UMA PERSPECTIVA ANTROPOLÓGICA	41
INTERRUPÇÃO VOLUNTÁRIA DA GRAVIDEZ	47
O SILÊNCIO DA MATERNIDADE	53
SE ELES SOUBESSEM O QUE É A MATERNIDADE... ..	55
“COMO UMA FERIDA QUE NÃO CURA”	59
SAÚDE DAS MULHERES: CUIDAR DOS OUTROS, CUIDAR DE SI	61
AS CONDIÇÕES DO EXERCÍCIO DA MATERNIDADE E DA PATERNIDADE NA SOCIEDADE PORTUGUESA	83
PARTICIPAÇÃO CÍVICA E POLÍTICA. A QUESTÃO DOS DIREITOS REPRODUTIVOS	109

DA NOITE À LUZ, O MEDO

Silencieusement va la sève...
(St. John Perse)

Não é fácil falar nos medos da gravidez, porque ela é um período de enorme ambiguidade em torno de um corpo duplo, um corpo que é ao mesmo tempo um *e* dois. Falar no medo da gravidez não se pode desligar do *antes* – o corpo *um* da mulher – do *depois* em que há ruptura nesse corpo, em que se quebra essa unidade – parto – e outro corpo daí surge: um corpo estranho.

Talvez seja a *ambiguidade* que o corpo da mulher grávida encerra, esse desconhecido, que provoca medos. Esse ser ela e outro ao mesmo tempo. Medos que povoam esse corpo sem se saber destrinçar o que dele “passa” ou não para esse *outro* corpo que em si se faz, um feto, um feito. Poder-se-á dizer que a gravidez é um período fantasmático nesse diálogo (ou não) com esse outro corpo desejado (ou não) que nele se move, se alimenta, dorme, cresce, até ser expulso pelo corpo da mãe. O nascimento sendo esse gesto de expulsão, a respiração, o grito. A entrada neste mundo em que nos movemos. A descoberta de outros rostos, de sorrisos, de mãos. A atmosfera, o ar que circula, o corpo pousado e embalado de modo diferente. A luz. A passagem da noite ao dia.

NOITE ESCURA

Talvez seja aí que tudo se inicia.

Desde que tenho pensado neste tema, que sempre me ocorre, de modo insistente, esta noite escura. A criança que está no ventre escuro, “contenente negro”, por ser desconhecido ou por ser estranho, cheio de matizes, de diferenças do negro adentro do negro, medo que me lembra o escuro da

infância, o passado das comunidades humanas, quase sem luz, o deitar cedo, a noite que cedo vinha, o não se poder andar nas ruas, nos campos, o escuro das formas difusas, dos fantasmas, dos monstros, do disforme, o lado marginal da noite, o contrabando de mercadorias e ideias que sempre nele se produziu. A marginalidade. O bruxulear dos rostos junto das fogueiras, das velas. Essa luz cálida, como são cálidos e húmidos os corpos das mulheres e das crianças. As noites claras de lua cheia, indicadas como propícias na arte de procriar para produzir machos. Interroga Joel Serrão: “Não será plausível que a experiência milenária do ritmo dia / noite, luz / trevas, se foi associando, metaforicamente, ao ritmo não menos real vida / morte, associando, metaforicamente, ao ritmo não menos real vida / morte, esperança / desespero?” (1978: 31).

O SANGUE MENSTRUAL E A “NATUREZA FEMININA”

Voltando atrás, antes ainda da gravidez, ao momento em que no corpo da rapariga se dá um acontecimento que não deixa de ser espantoso: um corpo que periodicamente deixa escorrer sangue, sem que nada seja feito para isso. Isso acontece. Regularmente. Isso é o sinal que nesse corpo se pode produzir vida, dar vida. Curiosamente, em francês ter as regras pela primeira vez diz-se *voir*², assinalando o espanto desse ver; talvez que isso se ligue também com a potência do olhar das menstruadas que é capaz de desmanchar o leite, não deixa levedar o pão, provoca malefícios, maus olhados³. Se ligue com tudo o que, desde Plínio, se disse sobre o sangue menstrual capaz de corromper / manchar tudo o que toca.

“O sangue mênstruo dado como esperança que certa mulher dama teve de que o seu amigo a amaria mais, & não a deixaria enquanto vivesse, o fez doudo para sempre.”

“He tão venenoso que as árvores ou ervas em que tocar qualquer gotta do dito sangue as seca ou as esteriliza” (Morato Roma, *Luz da Medicina*, capítulo “Tratado único das doenças particulares das mulheres”, 1664: 285-6).

Ora, este sangue que esteriliza, que enlouquece, desregula tudo o que toca, é o mesmo sangue de que se formam os fetos, as crianças. É o mesmo que produz a vida. É o mesmo que produz a morte. Todas as doenças da mulher são explicadas por esta “purgação mensal” que se podia dar ou não, ou que podia ser excessiva ou reduzida, sem se saber a razão pela qual se dava ou não a menstruação.

A visão que se tem do corpo da mulher anda em torno deste sangue, desta ambiguidade: de ser produtora de vida ou de morte.

Não só pelo facto mais específico de ela ser produtora de seres vivos, como em função dos gestos que ela realiza em relação à “casa” (animais,

humanos, plantas), gestos que poderiam ter essa mesma função de morte e/ou de vida⁴.

A menstruação funciona como uma espécie de “sangria natural” que regulava os humores de um corpo (do ponto de vista da medicina hipocrática). Temia-se tanto o seu excesso como a sua falta, o que sempre suscitou um fascínio enorme, a proliferação do discurso médico. Como ordenar / *regular* este corpo? Por isso, os médicos tinham em conta este período, porque se temia que o sangue mênstruo, caso não fosse evacuado, provocasse doenças.

“(…) detido apodreça por falta de ventilação, & se faça venenoso, he causa de muitas & graves doenças” (Morato Roma: 303).

“Os cuidados, o temor, medo, tristeza, são causa de recorrer o sangue ao coração, & para a evacuação dos meses (...) como diz Galeno, que toda a intemperança impede o movimento da natureza” (devendo por isso a mulher) “evitar todos os affetos da alma por serem muito nocivos” (Morato Roma: 290).

As paixões da alma, esse excesso de sentimentos que domina a “natureza feminina”, o que se liga com essa imagem nunca completa de si própria, do seu corpo. Este tem algo de interior, por oposição ao corpo masculino que é visível na sua totalidade. No corpo da mulher há sempre algo de interior: esse ventre / matriz, lugar onde se produzem crianças ou outros que fascina e em torno do qual se define / se repete essa “natureza feminina” sempre mutante, instável, desordenada, apaixonada.

“Natureza feminina” dominada pelo útero / matriz, assim definida por Platão, retomando as concepções correntes no seu tempo: “na mulher, o que se chama matriz ou útero é como um ser vivo possuído pelo desejo de fazer filhos. Quando durante muito tempo e apesar de ser a época favorável a matriz ficou estéril, ela irrita-se perigosamente; agita-se no corpo em todos os sentidos, obstrui as passagens do ar, impede a inspiração, põe assim o corpo nas piores angústias e provoca-lhe muita espécie de doenças (*Timeu*, citado por E. Trillat, 1986: 19).

IMAGINÁRIO PUJANTE

A gravidez está intimamente ligada a esse momento culminante que é o parto. Ela desenrola-se, organiza-se em função desse tempo em que outro aí surge. A gravidez é por isso um tempo especial na vida de uma mulher. Ela fica submetida a *regras* completamente diferentes. Assim como o espaço se altera, é como se a sua geografia / a sua paisagem interior e exterior se alterassem completamente. Diz Y. Verdier: “a mulher grávida é um ser que perdeu as suas fronteiras, como se os limites de repente ampliados e desmedidos

do seu corpo distendido não lhe garantissem mais nada, mas devorassem o universo inteiro em virtude de uma comunicabilidade intensa” (1976, pp. 356-7). Altera-se não só o lugar / o olhar que ela tem sobre os outros, como o olhar que os outros, estranhos ou próximos, têm sobre ela. É aí que se traçam domínios, linhas, paisagens donde um ser há-de vir à luz e ser inserido (ou não) numa comunidade humana. “Uma parte de mim se aparta, e aparece, e parte: é assim o parto.”

Não é de medo da gravidez que se deve falar, mas de medos, plurais, diferentes segundo as épocas, as mulheres, os mundos que as rodeiam, serem solteiras ou casadas. Falar nos medos da gravidez é quase imperceptivelmente falar de (um) imaginário, do modo como ele foi povoado. Tem a ver com os medos que a fizeram / estruturaram como mulher.

O mundo da memória, da imaginação, dos medos, nos *Tratados de Educação Physica*, é insistentemente atribuído às mulheres educadoras, como na *Aia Vigilante*: “A noite atemoriza naturalmente o homem, e algumas vezes até os animaes. A razão, o conhecimento, o espírito, e ainda o valor, livrão poucas pessoas desse tributo. Mil pessoas sobem huma brexa intrepidas, e não se atrevem de noite a dar hum passo. (...) Não consintais que se amedronte com historias de fantasmas, defuntos, demonios, e outras semelhantes; porque ainda que desta causa não proceda o terror, que conservamos em maior idade, com tudo a impressão, que fazem no tenro cerebro, he nociva, e de tal sorte preocupa o espirito das crianças, que representando-se de noite em sonhos o repentino, o grande medo, que os agita, póde desordenar-lhes a imaginação, e totalmente o juízo” (pp. 61, 63-4).

São as mulheres que se ocupam das crianças na primeira infância, são elas que “trabalham” esse corpo para lhe darem uma forma acabada, quer dizer humana. São elas que contam histórias, fazem um corpo de imaginação, memória de gestos e ritos, de palmadas. No entanto, elas são definidas como mais dadas às paixões da alma, aos sentimentos, porque não só o seu cérebro é dito mais frágil, mais impressionável, como também o seu corpo é habitado por um animal insaciável que nele se move dando-lhes uma “espessura corporal” que as impede do acesso ao domínio da razão, da abstracção. Essas “regras”, esse escoar periódico de sangue provoca uma “alteração nos humores” e isso dá-lhe uma maior propensão para ser afectada pelas “paixões da alma”. Esse sangue provoca loucura, esteriliza o juízo. Nas crianças, o desfiar das histórias, da imaginação, esse excesso de temor, de imagens, pode também provocar a perda do juízo, o “desordenar da imaginação”. Excesso de imagens e de sangue. Ausência de regras, de razão. A loucura.

No século das Luzes, surge uma maior preocupação pela educação das mulheres, pretende-se uma maior “abertura”, mas vigiada, e ainda submetida a clausuras várias, porque se deve ter em conta esta “natureza feminina” apaixonada e apaixonante⁵. Porque é neste corpo, neste “claustro materno”,

como é dito pelo médico José Rodrigues de Abreu (século XVIII) que se irão “formar” as crianças, havendo sempre o risco de nele serem “marcadas” pelas “ficções maternas do entendimento”.

Pode parecer que nos afastámos do tema que nos propomos tratar, mas não podemos perceber como é vista / imaginada a gravidez sem percebermos como era visto / imaginado o corpo da mulher. Como um ser de ficção, sobre o qual se inscreveram sempre as ficções médicas e outras, para regular esse imaginário demasiado pujante, ambíguo, em que nunca se destrinça a ficção da realidade, a verdade do erro. Como se esta capacidade de o corpo da mulher se expandir na gravidez lhe desse uma plasticidade capaz de englobar tudo sem critérios, sem regras, sem métodos. E a filosofia espreita-nos constantemente nesse mito da caverna, nessa luz difusa, entre o sonho e os seres verdadeiros. E o olhar que aprende a voltar para a luz. E o nascer não é também a aprendizagem da luz, do som? Como então nesses seres imaginários que são as mulheres, e ao mesmo tempo tão pesados corporalmente, produzir cidadãos sãos e úteis à sociedade, em corpos marcados por ficções? Como formar seres razoáveis em imagens nem sempre verdadeiras, deslizando, transformando-se constantemente pela paixão que atravessa esses corpos? Corpos que são atravessados por espectáculos, visões, batalhas, mortes, seres híbridos, gostos exóticos, proximidade do mundo animal, vida e morte sempre próximas. Como proteger esses seres que se formam em tais ventres, nesse sangue que tanto é de morte como de vida, de “nutrição” como de “sobejo”, como nesta descrição de Francisco José d’Almeida em 1719.

PLANTA ANIMAL

“... não se póde duvidar, que por elle [o cordão umbilical] absorve o feto da matriz a maior parte da nutrição; servindo-lhe os vasos bibulos, que se abrem na periferia do seu corpo, de embeber o halito nutritivo, e gelatinoso da água, que enche a capacidade do utero. *Deste modo podemos considerar o embrião como huma planta animal*, pois que ellas tãobem pela raiz se nutrem da terra, recebendo pelo tronco, e pellas folhas partes da nutrição, que lhes é própria. Este cordão misterioso estabelece a comunicação entre a Mãe e o feto; por elle passa o sangue que deve seguir de desenvolvimento do embrião, e por elle volta o sobejo, vivendo deste modo huma vida commum a Mãe, e o filho” (pp. 21-2, itálico meu).

É como se o corpo da mulher grávida fosse um microcosmos à imagem do cosmos em que todos os seres, animais, plantas, humanos, comunicam entre si, enviam e têm influências benéficas ou maléficas uns nos outros. Ligado à ideia do ventre como gruta, receptáculo, casa, abrigo, puro lugar passivo

(Aristóteles), à imagem da Terra-Mãe a terra-ventre onde cresce esse ser dito de uma forma fascinante uma “planta animal”. Estas imagens da criança-planta-animal, estas crianças-couves que tantas gravuras nos mostram, são reveladoras de uma outra hierarquização na relação entre os humanos e a “restante vida”. Diz Jacques Gélis: “a evocação da vida reenviava sem cessar à fonte da vida, a Deus, à Terra sobretudo, à sua respiração lenta, aos seus ritmos. (...) Mas a Natureza às vezes balbuciava, parecia desregularizar-se. A criança nascida raquítica ou débil, morta, monstruosa” (1984: 17).

Ora, até aos finais do século XVIII, nada se sabe sobre os processos da reprodução, repetiam-se os autores antigos, autoridades e garantes do saber, Hipócrates, Aristóteles, Galeno e outros. Diz P. Darmon deste período: “a procriação não se vê, imagina-se. É o domínio dos visionários românticos e dos místicos” (1977: 14).

É o domínio da ficção que se imprime sobre esse corpo de ficções que é o da mulher grávida.

CERCADA E ABERTA

Conheciam-se os sinais de que a mulher estava grávida. No entanto, enquanto a barriga não mudava de forma, nada era dito. Ainda agora é assim nas aldeias, e se diz: “A mulher grávida aos três encobre, aos quatro quer e não pode.” O corpo mantém-se o mesmo, sem que se visualize nele outro que cresce. É um dos tempos da gravidez. Depois dele, o corpo da grávida começa a ficar preso na “rede” da comunidade que a circunda, e pelos olhares que lançam sobre ele, os bons e os maus olhados, desejos de vida ou de morte. “*Enceinte* [grávida, literalmente: cercada, cingida], uma mulher está paradoxalmente em totalidade aberta ao universo...” (Y. Verdier, 1976: 357). O corpo da mulher, lugar de fermentação, de algo que pode ser (des)manchado.

Desejo de que seja menino ou menina, práticas adivinhatórias, promessas para facilitar o parto, objectos que não se usam (colares, pulseiras, etc.), alimentos que não se comem (coelho, por exemplo), gestos que não se fazem. Interditos deste tempo de gravidez que escrevem exteriormente nesse corpo uma geografia interior no outro corpo, como se as *marcas* que se traçam no corpo-envólucro se traçassem no outro corpo, envolvido.

Diz Voltaire no *Dicionário Filosófico* (art. “Imaginação”): “esta imaginação passiva de cérebros fáceis de abalar faz algumas vezes passar nas crianças marcas evidentes da impressão que uma mãe recebeu” (citado in P. Darmon, 1977: 175), e já antes Paracelso: “a imaginação feminina assemelha-se à potência divina, os seus desejos exteriores reproduzem-se na criança” (citado in F. Jacob, 1970: 34).

Este corpo grávido fica sujeito a desejos estranhos, fora do comum, que devem ser satisfeitos, porque um corpo que não é satisfeito nos seus desejos define e morre. Um corpo permeável a tudo o que é exterior e, ao mesmo tempo, em constante deambular pelo seu interior. Um corpo em viagem por vários mundos, onde se podem dar conjunções diversas, surgindo desses ventres seres híbridos, “contra natura”.

Diz Malebranche: “quase todas as crianças que morrem no ventre da sua mãe sem que elas estejam doentes não têm outra causa para a sua infelicidade que não seja o terror (*l'épouvante*), algum desejo ardente ou outra paixão violenta das suas mães” (citado in P. Darmon, 1977: 174).

MEDO E MORTE

Falámos desses corpos de mulheres sempre ficcionados, que potência há neles que provoca medos, ao mesmo tempo que essa possibilidade de neles se criarem seres vivos sempre alimentou o próprio discurso filosófico na sua matriz (concepção, conceito, génese, etc.). Falámos também dessas “ficções maternas do entendimento”, que se teme a sua marca nos que lhe estão no ventre ou nas crianças que por elas são alimentadas e cuidadas. De que medos, seres fictícios, fomos nós produzidos na nossa infância?

Falemos então dessa impossibilidade de fala, desse “Ser” que nos atravessa sempre, que ronda esses tempos onde corpos se formam para darem entrada na vida, deixarem a noite, o desconhecido. Porque a diversidade de discursos, o fascínio, que neles provocaram esses ventres / essas noites / / essas imaginações, têm a ver com o medo da morte. Tudo o que se faz durante a gravidez, práticas, ritos, dietas, objectos, tentam afastar *outro* mundo, práticas e ritos em que se imagina também uma forma: meteoro, planta ou animal?

No nascimento colocam-se as questões da existência: de que mundo venho? Para que mundo vou? Um provérbio gascão diz: «Mulher grávida tem sempre um pé na cova.» Situação instável entre a morte e a vida. Ansiedade. Ditos muitos para nomear o que não se sabe: a morte inscrita nos corpos. Esse “Ser” que agora tentamos colocar longe de nós. Tudo se processa longe. Mesmo as estatísticas tentam escamotear esses dados (ver o Relatório da Organização Mundial de Saúde de 1987, *Women Health, Development*).

Diz J. Gélis: “as rupturas foram longas com efeito a manifestarem-se. Foram precisos vários séculos para aparecerem novas relações entre o homem e o cosmos, uma nova consciência da vida...”? (1984: 17). Temos uma nova consciência da vida, filhos que somos das Luzes, do Iluminismo, uma consciência técnica, hierarquizada, redutora de diferenças. Tenta-se tornar transparente, luminoso, o desconhecido, a noite (movimento que se está também

a dar em relação às novas tecnologias da reprodução). No século XVIII, dizia Joanna de Villeneuve sobre o medo da noite: «este temor tem huma causa natural, e esta he a mesma que faz aos surdos desconfiados, e o povo supersticioso: he a *ignorancia dos objectos*, que nos cercão, e do que se passa em redor de nós» (p. 62, itálico meu). Mas se é certo que os medos resultam das ficções, dos fantasmas, também não é menos certo que é de ficções que somos constituídos, e então a “ignorância” não será talvez mais do que a ficção com que as Luzes quiseram exorcizar o medo. Por exemplo, será que uma médica grávida, suposta por não ser “ignorante”, não conhecerá também medos durante a sua gravidez?

Somos filhos desse insistente diálogo entre a morte e a vida. Dar à luz um ser, o que é?

NOTAS

¹ Projecto POR/77/P05 "Educação para a saúde e motivação para o planeamento familiar integrado com outras actividades de desenvolvimento". Projecto financiado pelo FNUAP (1978-1983) e realizado pela Comissão da Condição Feminina sob coordenação de Bertina Sousa Gomes.

Foram publicados dois livros sobre este trabalho: *Mulheres de Uma Aldeia*, Teresa Joaquim, Ulmeiro, 1985; *Fareginhas, Memórias de Um Projecto*, Bertina Sousa Gomes, Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, 1991.

² Como foi estudado pela antropóloga Yvonne Verdier no seu livro *Façons de dire, façons de faire, la laveuse, la couturière, la cuisinière*, 1979, Gallimard.

³ Sobre a menstruação e as feitiçeras, ver, P.^o Manoel de Azevedo, "Correcçam de Abusos introduzidos contra o verdadeyro methodo da Medicina & Farol medicinal para Medicos, Cirurgiões, & Boticarios", I Parte, *Tratado de Fascinação, Olhado, ou Quebranto*, 1705, Lisboa.

⁴ Ver Martine Segalen, *Mari ou femme dans la société paysanne*, 1980, Flammarion.

⁵ "Se sobretudo as mulheres têm necessidade de educação, é que elas são seres periódicos. A esse título, elas acham-se constantemente ameaçadas

– e o universo inteiro por esse facto

– (...) quer seja que o seu ritmo periódico diminua e imobilize o curso das coisas, quer ele se acelere e precipite o mundo do caos. Pois o espírito pode facilmente imaginar que as mulheres cessem de gerar e de ter regras ou que sangrem sem parar e dêem à luz constantemente" (Lévi-Strauss, *L'origine des manières de table*, conclusão, citado in C. Clément, 1975: 57).

⁶ "[...] os ritos do parto têm por objecto assegurar-lhe na sociedade geral uma nova situação, enquanto mãe, sobretudo se se trata dum primeiro parto e de um rapaz" (*ibidem*).

⁷ "Algumas notas sobre o Projecto de Relatório que possa servir de base aos projectos de alteração dos arts. 140.º e 142.º do Código Penal (Interrupção Voluntária da Gravidez), apresentado pelo Prof. Doutor Walter Osswald". Este texto foi o comentário por mim apresentado ao Relatório-Parecer 19/CNECV/97 sobre os projectos de lei relativos à Interrupção Voluntária da Gravidez, publicado no vol. IV, 1997, do CNECV, 1996, pp. 19-31. O texto apresentado não foi incluído na documentação então publicada.

⁸ "Mas se ser uma mulher não é necessariamente ser uma mãe (biológica e educativa), pode-se querer, e dever-se-ia poder ser ao mesmo tempo uma mulher e uma mãe. [...] Se o solo materno escapa aos homens debaixo dos seus pés, se as mulheres se tornam mulheres, talvez então sejam eles forçados a serem mais humanos, a construírem cidades mais doces, a suspenderem os trabalhos forçados, talvez eles façam passar ternura em todos os momentos e formas de civilizar, talvez se tornem então, por sua vez, mães..." (Collin, pp. 20-22 1992).

⁹ "[...] nenhuma mulher deve ver a sua vida ou a sua saúde ameaçada por uma gravidez. Ela deve ter os meios para levar uma gravidez a termo ou para a interromper em segurança. Além disso, deve dispor de meios de contracepção, na medida em que gravidezes demasiado precoces ou tardias, próximas da menopausa, são prejudiciais à saúde" (Directiva do Conselho da Europa (97), p. 9).

¹⁰ “Entendo por sociedade-providência as redes de relações de interconhecimento, de reconhecimento mútuo e de entajuda baseadas em laços de parentesco e de vizinhança, através dos quais pequenos grupos sociais trocam bens e serviços numa base não mercantil e com uma lógica de reciprocidade semelhante à da relação de dom estudada por M. Mauss (1950) (BSS, 1993: 48).

¹¹ Para não falarmos já das decisões sobre Planeamento Familiar e ainda a decisão de abortar.

¹² Na Conferência Mundial sobre População e Desenvolvimento (Cairo, 1994, ponto 7.28), foi afirmado sobre a prevenção das doenças sexualmente transmissíveis e da SIDA: “As desvantagens sociais e económicas que as mulheres enfrentam tornam-nas particularmente vulneráveis às infecções sexualmente transmissíveis, incluindo a SIDA, tal como é, por exemplo, ilustrado pela sua exposição aos comportamentos de alto risco dos seus companheiros” (*Agenda Global*, 41).

¹³ “Os direitos humanos das mulheres e raparigas são uma parte inalienável, integrante e indivisível dos direitos humanos universais (...) A violência com base no sexo e todas as formas de assédio e exploração sexual, incluindo as que resultam de preconceitos culturais, bem como o tráfico internacional, são incompatíveis com a dignidade e com o valor da pessoa humana, e devem, por isso, ser eliminados” (Conferência Mundial sobre os Direitos Humanos, Viena, 1993).

¹⁴ Nesse sentido, a promoção da divulgação de métodos de Planeamento Familiar inscreve-se no art.º 6.º da Constituição da República Portuguesa sobre a família.

¹⁵ “É possível que a escolha do método anticonceptivo seja influenciado pela disponibilidade, pelo custo e pelo acesso físico, pelas políticas nacionais, por considerações de ordem cultural e religiosa, pelo estado de saúde, pelas preferências dos parceiros e pelo estatuto sócio-económico” (Relatório da UE, 1997: 116).

¹⁶ Estudo no concelho do Porto, amostra de 1053 mulheres operárias.

¹⁷ Constitui o relatório 36/CNECV/2001, publicado na Documentação CNECV, vol. VIII, 2002, pp. 41-82.

¹⁸ Cf. Paola Tabet: 61-146, que analisa um extenso *dossier* sobre o constrangimento das mulheres à fertilidade.

¹⁹ “Tal é o ofício das parteiras: ele é inferior ao meu. Acontece com efeito às mulheres gerarem umas vezes quimeras e outras vezes seres verdadeiros, o que não é fácil de reconhecer. (...) A minha arte de parteiro compreende portanto todas as funções que desempenham as parteiras; mas difere da delas em que eu liberto homens e não mulheres e em que vigio as suas almas em trabalho e não os seus corpos” (Platão, *Teeteto*, 150a-c).

²⁰ Ardaillon.

²¹ Para não falarmos da completa ausência de afectividade expressa sob diferentes formas de violência: psíquica, física, etc. (cf Documento de trabalho, n.º 26/ CNECV/99, reflexão ética sobre a dignidade humana).

²² “Famílias brasileiras e seus desafios como fator de proteção neste final de século” (1993, *mimeo*: 3).

²³ De lembrar as próprias mutações a nível afectivo introduzidas pelas novas tecnologias da reprodução... que se podem interligar (ou serão diferentes?) com as novas relações que se colocam às famílias reconstruídas? Ver Bourg, Claudine (dir.), *Des enfants comme les autres? La santé, le droit et le bien-être des enfants nés de l'assistance médicale à la procréation, Actes du Colloque “L'Europe et les enfants de la procréatique”*, John Libbey Eurotext, Paris, 1996.

²⁴ Cit. in Adrienne Rich, 1980: 187.

²⁵ Talvez antes a questão se inscreva nesta belíssima definição de população: “são os povos da terra, homens e mulheres de carne e osso que nascem, vivem, amam, traba-

lham, se reproduzem, envelhecem e morrem. População não é um objecto inerte de estudo, é um conjunto de sujeitos que escolhem o seu próprio destino” (Ponto 4 das Conclusões do *Seminário Mulheres, População e Qualidade de Vida*, Agosto de 1993).

²⁶ No que estas pretendem encarar as dificuldades e as indecidibilidades das questões que se colocam, não as omitindo atrás de uma retórica que permite (aparentemente) “resolver” a multiplicidade de aspectos que se nos oferecem. Pensar de modo ético é (talvez) pensar de modo afirmativo e, por vezes, no desconforto dessa afirmação, no sentido nietszchiano de afirmação da vida.

²⁷ “De acordo com os resultados obtidos pelo Eurobarómetro, em 1990 [...] Portugal encontra-se a níveis abaixo da média europeia nos factores que apontam para a conciliação da vida familiar e profissional” (Perista e Chagas: 29).

²⁸ “Famílias brasileiras...”: 1999, 8.

²⁹ Em 1993, havia atendimento específico para adolescentes em cerca de 13% de Centros de Saúde. Em 1998, essa percentagem ascendeu a 23,5% (Relatório Interministerial..., 1998: 7).

³⁰ Parecer n.º 3/CNECV/93 sobre Reprodução Medicamente Assistida.

³¹ Parecer n.º 14/CNECV/95, sobre questões éticas de distribuição e utilização de recursos de saúde de Maria de Lourdes Pintasilgo, em que é referida esta opinião do comité holandês, 1992: “Enquanto os serviços básicos não forem acessíveis a todos, os serviços para além dos cuidados básicos não são considerados como fazendo parte da saúde financiada pela segurança social” (52). Sendo também afirmado que “o princípio da equidade é princípio ético fundamental no domínio das novas tecnologias” (*idem*, 43).

³² No Relatório Internacional de 1998, são referidas “falhas no abastecimento de métodos contraceptivos; [...] esta situação é particularmente grave no que se refere aos preservativos e aos dispositivos intra-uterinos que, não sendo comparticipados pelo Estado, a sua aquisição é totalmente suportada pelos utilizadores”; e mais adiante: “na maioria dos hospitais verificou-se ainda longas listas de espera para se obter uma laqueação de trompas” (8).

³³ “[...] os países deverão garantir a todos os migrantes os direitos humanos fundamentais que integram a Declaração Universal dos Direitos Humanos” (*Agenda Global*: 18).

³⁴ Quase todos os peritos ouvidos nas audições do CNECV sobre este tema criticaram a política de subsídios e antes apontavam, não só para outro tipo de abordagem das questões, como para estruturas mais flexíveis e próximas das pessoas.

³⁵ “A imagem do indivíduo como ser inteiramente livre e independente, como ‘personalidade fechada’, que é ‘interiormente’ autónoma e separada dos outros homens, tem uma longa tradição nas sociedades europeias. Na filosofia clássica, essa figura aparece em cena, por exemplo, como sujeito epistemológico. No papel de *homo philosophicus*, o indivíduo adquire conhecimentos sobre o mundo ‘exterior’ a si exclusivamente à sua própria custa. Não precisa de os aprender com os outros. Nessa imagem do homem abstrai-se do facto de que se vem ao mundo como criança e de todo o processo de desenvolvimento até ser adulto e enquanto adulto, como sendo irrelevantes” (N. Elias, 1982: 34).

³⁶ “Aspectos teóricos que envolvem o conceito de família e a potencial compatibilização com dados internacionais”, IPEA, Brasília, 1999: 10.

³⁷ São suas componentes: a igualdade e a equidade entre mulheres e homens; a não discriminação baseada no sexo; a segurança sexual e reprodutiva, incluindo a não sujeição à violência sexual e à coacção; o direito à vida privada (FNUAP, Situação da População Mundial, 1997).

³⁸ J. Derrida et E. Roudinesco, 2002: 74.

³⁹ Trabalho e obra. Há na obra de H. Arendt uma distinção importante entre trabalho e obra, distinção que é relevante para a questão que aqui abordamos. Arendt define

“trabalho”: “o trabalho é a actividade que corresponde ao processo biológico do corpo humano, cujos crescimento espontâneo, o metabolismo e finalmente a corrupção estão ligados às necessidades da vida que o trabalho produz a fim de alimentar o processo vital” (Arendt, cit. in Enegren, 1984: 35-6), e distingue trabalho de obra, esta sendo algo que é “uma criação autónoma e durável” (*ibidem*). O trabalho estando ligado às tarefas infintas de repetição do quotidiano, às suas condições materiais para que se possa sobreviver, para que “o processo vital” se realize, Arendt não desqualifica esse trabalho, no entanto ele esgota-se em si próprio, na luta contra a entropia, podendo nele eventualmente surgirem também “pequenas singularidades” (M. de Certeau). Locke notou também a distinção entre “o trabalho do nosso corpo” e “a obra das nossas mãos” (*ibidem*). Ora, esta distinção é extremamente interessante em relação a esse trabalho das mãos, dos gestos, de algo que faz surgir o inédito na maternidade, que faz com que o recém-nascido se torne *initium*, se torne presença no mundo. Sobretudo porque na distinção de Locke não há separação entre corpo e espírito: são as mãos que modelam a obra, que ele não coloca do lado da repetição mas da obra que é capaz de produzir, de introduzir diferenças; que modifica o que é dado, transformando-o, sendo portanto uma criação.

⁴⁰ “estar entre, no intervalo, estar separado por um intervalo; estar distante, separado; estar presente, assistir, participar” (J. P. Machado, *Dicionário Etimológico Português*, II vol., 1967: 1307).

⁴¹ “Feto sem forma regular, que se gera no útero da mulher”, e ainda “ter pancada na mola, ter certo desarranjo no juízo” (*Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1881).

⁴² “Que exerce acção, que opera” (*idem*).

⁴³ “Que sofre ou recebe a acção, a impressão (opõe-se a activo); que não actua, que não toma parte activa; inerte, indiferente” (*idem*).

⁴⁴ Cf. Collin sobre o trabalho das mulheres a nível filosófico ou na própria história das mulheres (“A (im)possibilidade de ser filósofa”, in Teresa Joaquim, *As Causas das Mulheres*).

⁴⁵ “[...] a narrativa da imaginação faz advir a narrativa que ainda não é” (Collin, 1999: 204).

⁴⁶ Possa permitir sair, segundo Teresa De Lauretis “do gigantismo” “para as mulheres da Mãe [...] e a maternidade [escondendo] uma história de lutas sociais, pessoais e políticas, pela afirmação duma diversidade entre as mulheres e das mulheres nos confrontos com as instituições e formações culturais hegemónicas” (in Boccia e Zuffa: 1998, 173).

BIBLIOGRAFIA

- ABDELKRIM-CHIKH, Rabia, "Femmes et production des corps: les enjeux économique et symbolique de la fécondité", in *Femmes du Maghreb au présent, La dot, le travail, l'identité*, Ed. CNRS, 1990, Paris, pp. 215-232.
- Aborto, *Decisão da Mulher. Contributo para a história do movimento pelo aborto e contraceção em Portugal*, ed. UMAR, 1998
- Agenda Global*, n.º 1, CIDM, 1995.
- Agenda Global*, n.º 2, *Plataforma de Acção da Quarta Conferência Mundial das Nações Unidas sobre as Mulheres*, CIDM, 1997.
- Agenda Global* n.º 4, *Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e Protocolo Opcional*, ed. CIDM, 2000.
- Agenda Global* n.º 5, *Plataforma de Acção de Pequim, 1995 & Iniciativas e Acções Futuras. Igualdade de Género, Desenvolvimento e Paz para o Século XXI*, ed. CIDM, 2001.
- ALMEIDA, Ana Nunes de e GUERREIRO, M. das Dores, "A Família", in L. França (ed.), *Portugal, Valores Europeus e Identidade cultural*, IED, 1993, pp. 181-218.
- ALMEIDA, Ana Nunes de, et al., *Padrões Recentes da Fecundidade em Portugal, Cadernos da Condição Feminina*, n.º 41, CIDM, 1995.
- ALVES, Clara Ferreira, "O perdão", *Revista-Expresso*, 26 Janeiro 2002.
- ARDAILLON, Danielle, "O lugar do íntimo na cidadania do corpo inteiro", in *Estudos Feministas*, vol. 5, n.º 2, Rio de Janeiro, 1992.
- Idem, *Cidadania de Corpo Inteiro, Discursos sobre o aborto em número e género*, Tese de doutoramento, U. S. Paulo, 1997.
- A Saúde da Mulher*, Direcção Geral de Saúde, Lisboa, 1999.
- ARIÈS, Philippe, *L'enfant et la vie familiale sous l'Ancien Régime*, Seuil, 1973.
- Idem, *Histoire des Populations Françaises*, Seuil, 1971.
- BADINTER, Elisabeth (ed.), préface à A. L. Thomas, Diderot et Mme D'Épinay, *Qu'est-ce qu'une femme? un débat*, P.O.L., 1989.
- BANDEIRA, Mário Leston (org.), *Aborto e Contraceção em Debate*, ed. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 1975.
- BARRETO, António (coord.), *A Situação Social em Portugal - 1960-1995*, Cadernos do Público, 1996.
- BARSTED, Leila de Andrade Linhares, "Mulheres, Direitos Humanos e Legislação: Onde Está a Nossa Cidadania?", in H. Saffioti e M. Muñoz-Vargas (org.), *Mulher Brasileira é assim*, Rosa dos Tempos, 1994, pp. 231-270.
- Idem, "Sexualidade e reprodução: Estado e sociedade", in E. Bilac e M. Isabel Rocha (org.) *Saúde Reprodutiva na América Latina e no Caribe. Temas e Problemas*, ed. 34, 1998, pp. 147-181.

- BEAUVOIR, Simone de, *Le deuxième sexe*, Gallimard, 2 vols., 1999 [1949].
- BELEZA, Teresa, "Antígona no reino de Creonte: impacto dos estudos feministas no direito", *A Construção dos Estudos sobre as Mulheres em Portugal II, Ex-Æquo*, n.º 6, 2001, pp. 77-79.
- BELO, Maria, ALÃO, Ana Paula, CABRAL, Iolanda Neves, "O Estado Novo e as Mulheres", in *O Estado Novo das Origens ao Fim da Autarcia, 1926-1959*, vol. II, Fragmentos, 1987, pp. 263-279.
- BOCCIA, M.-L., e ZUFFA, G., *Leclissi della madre. Fecondazione artificiale: Technique, fantasia e norme*, Nuova Pratiche Editrice, 1998.
- BOZON, Michel, "Sexualité et Genre", in Laufer, Jacqueline, Marry, Catherine et Maruani, Margaret (org.), *Masculin-Féminin: questions pour les sciences de l'homme*, PUF, 2001, pp. 169-186.
- BRAUNSTEIN, Philippe, "Approches de l'intimité, XIV-XV^e siècle", in Duby, G. (ed.), *Histoire de la vie privée, 2. De l'Europe féodale à la Renaissance*, Seuil, 1986, pp. 526-621.
- BRETELL, C., *Homens Que Partem, Mulheres Que Esperam. Consequências da Emigração numa Aldeia Minhota*, D. Quixote, 1991.
- C. C. F., *Os Portugueses e o Planeamento familiar – Dois Estudos de Opinião sobre Níveis de Conhecimento e Atitudes, Cadernos da Condição Feminina*, n.º 12, 1979.
- CABRAL, João Pina, *Filhos de Adão, filhas de Eva – a Visão do Mundo Camponesa no Alto Minho*, D. Quixote, 1989.
- CALADO, B., SILVA, L. e GUERREIRO, D., "Barreiras e incentivos à vigilância pré-natal – Identificação das barreiras (resultados parcelares)", in *Saúde em Números*, vol. 12, n.º 4, Outubro 1997, Lisboa.
- CANÇO, Dina, *As Mulheres no Censo de 91, Cadernos da Condição Feminina*, n.º 45, CIDM, 1996.
- CASADO, Elena, "A vueltas com el sujeto del feminismo", *Política y Sociedad*, n.º 30, 1999, pp. 73-91.
- Charte de l'IPPF sur les Droits en Matière de Sexualité et de Reproduction*, IPPF, Londres, 1996.
- CHARTIER, Roger, "Les pratiques de l'écrit", in R. Chartier (ed.), *Histoire de la vie privée*, vol. III, *De la Renaissance aux Lumières*, Seuil, 1986, pp. 113-161.
- CLÉMENT, Catherine et CIXOUS, Hélène, *La jeune née*, 10x18, 1975.
- CLEMENT, Grace, *Care, Autonomy and Justice – feminism and the ethic of care*, Colorado, West View Press, 1996.
- COELHO, Alexandra Lucas, "Neste país sem olhos e sem boca", *Público*, 28 Janeiro 2002.
- Colectivo Feminista Sexualidade Saúde, *Saúde das Mulheres. Experiência e Prática do Colectivo Feminista Sexualidade Saúde*, ed. Colectivo Feminista Sexualidade Saúde, 2000.
- COLEMAN, Libby e Arthur, *Gravidez. A Experiência Psicológica*, Colibri, 1994.
- COLLIN, Françoise, "Introduction: l'actualité de Hannah Arendt", in *Hannah Arendt, Les Cahiers du Griff*, n.º 33, Primavera, 1986.
- Idem, "Du privé et du public", *Hannah Arendt. Les Cahiers du Griff*, n.º 33, Primavera, 1986.
- Idem, "Humour en amour", in *Les Cahiers du Griff*, 1992.
- Idem, "Le corps v(i)olé", *Le corps des femmes, Cahiers du Griff*, Complexe, Bruxelles, 1992, pp. 21-44.
- Idem, "Le temps natal", in *Le travail des femmes, Cahiers du Griff*, 1994.
- Idem, *Je partirais d'un mot. Le Champ symbolique*, Fus Art, 1999.
- Idem, *L'Homme est-il devenu superflu? Hannah Arendt*, Odile Jacob, 2000.
- Idem, *Le Différend des sexes. De Platon à la parité*, 2000, ed. Pleins Feux.

- Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego, *Pareceres 1995/1996*, CITE, Ministério para a Qualificação e o Emprego, 1997.
- Idem, *Pareceres da CITE sobre Conciliação da Vida Familiar e Profissional*, CITE, Ministério para a Qualificação e o Emprego, 1999.
- Idem, *Proteção da Maternidade e da Paternidade. Legislação*, CITE, Ministério para a Qualificação e o Emprego, 2000.
- Comité Consultif National d'Éthique pour les Sciences de la vie et de la santé, *Progrès technique, santé et modèle de société: la dimension éthique des choix collectifs*, document n.º 57, 20/3/1998.
- CONNERTON, Paul, *Como as Sociedades recordam*, Celta, 1999.
- CORREIA, Clara Pinto, *O Ovário de Eva, Relógio de Água*, 1998.
- CORTÉS-MAJÓ, Margarita, GARCÍA-GIL, Carmen, ALBERDI CASTELL, Rosa Maria, "Participación de las mujeres en el sistema sanitario", in ONIS, M. e VILLAR, J. (coord.), *La Mujer y la Salud en España – Informe básico*, vol. IV, Instituto de la Mujer, Ministerio de Asuntos Sociales, Madrid, 1992, pp. 140-216.
- COSTA, Adélia, *Representações sociais de homens e mulheres – Portugal 1991, Cadernos da Condição Feminina*, n.º 34, CIDM, 1992.
- COSTA, Albertina, "É viável o feminismo nos trópicos? Resíduos de insatisfação", in *Cadernos de Pesquisa*, n.º 66, S. Paulo, Agosto 1988, pp. 63-69.
- Idem e Amado, T. (org.), *Alternativas Escassas. Saúde, Sexualidade e Reprodução na América Latina*, ed. 34, 1994.
- COSTA, António Firmino, e VIEGAS, José Manuel Leite (coord.), *Portugal, que Modernidade?*, Celta, 1998.
- DALARUN, J., "Regards de clercs", in C. Lapisch-Zuber (org), *Histoire des Femmes en Occident*, vol. II (*Le Moyen Âge*), Plon, 1991, pp. 31-54.
- DARMON, Pierre, *Le mythe de la procréation à l'Âge baroque*, J. J. Pauvert, 1977.
- Idem, *Mythologie de la femme dans l'Ancienne France*, Seuil, 1983.
- DERRIDA, J., e ROUDINESCO, E., *De quoi demain*, Fayard/Galilée, 2002.
- DUBY, Georges, "L'émergence de l'individu – Situation de la solitude aux XI^e-XII^e", in *Histoire de la vie privée*, 2. *De l'Europe féodale à la Renaissance*, Seuil, 1986, pp. 526-621.
- DUDEN, B., *L'invention du fœtus. Le corps féminin comme lieu public*, Descartes & Cie, 1996.
- EHRENREICH, Barbara, e ENGLISH, Deirdre, *Sorcières, Sages-femmes et Infirmières – Une histoire des Femmes et de la Médecine*, Remue-Ménage, Montréal, 1976.
- Estudo Nacional de Literacia – Relatório Preliminar*, Instituto de Ciências Sociais, Lisboa, 1995.
- ENEGREN, André, *La Pensée Politique de Hannah Arendt*, Paris, PUF, 1984.
- ELIAS, Norbert, *O Processo Civilizacional*. [1939], D. Quixote, 1989.
- FERRÃO, João, *A Demografia Portuguesa*, Cadernos do Público, 1996.
- FERREIRA, Virgínia, "Padrões da segregação das mulheres em Portugal – uma avaliação do caso português no quadro europeu", in B. S. S. (coord), *Portugal: Retrato Singular*, Afrontamento, 1993, pp. 233-257.
- Idem, "A reprodução e as novas tecnologias: da volatilização da maternidade à materialização da paternidade", in *Ex-Æquo*, n.º 1, 1999, pp. 33-43.
- FIADREIRO, M. Antónia, *Cronologia da Luta das Mulheres 1974-1988*, ed. Liga dos Direitos das Mulheres, 4 de Março 1989.
- FINZI, Silvia, *El niño de la noche. Hacerse mujer, hacerse madre*, Cátedra, 1990.
- FLANDRIN, J.-L., *Un temps pour embrasser – Aux origines de la morale sexuelle occidentale (VI-XI siècles)*, Seuil, 1983.
- FNUAP, *A Situação da População Mundial, 1997: o Direito de Escolher: Direitos Reprodutivos e Saúde Reprodutiva*, Fundo das Nações Unidas para População (versão portuguesa).

- FOUCAULT, M., *L'usage des plaisirs*, Gallimard, 1984.
- FRANÇA, Luís de (coord.), *Portugal: Valores Europeus, Identidade Cultural*, I.E.D., 1993.
- FRANKLIN, S., "Introduction", in S. Franklin e H. Ragoné (ed.), *Reproducing, Reproduction. Kinship, Power and Technological Innovation*, Univ. Pennsylvania Press, 1998.
- Idem, "Biologization Revisited: Kinship Theory in the Context of the New Biologies", in S. Franklin e S. Makinnon (ed.), *Relative Values: Kinship Studies Reconfigured*, Duke Univ. Press, 2001.
- FREYRE, Gilberto, *Casa Grande e Sanzala*, [1933], Livros do Brasil, 1957.
- FURET, François et OZOUF, Jacques, "L'alphabétisation: trois siècles de métissage culturel", *Annales, E.S.C.*, 32 (3) – Maio/Junho, 1977, pp. 488-502.
- GIL, J., *Metamorfoses do Corpo*, A Regra do Jogo, 1980.
- Idem, *Monstros*, Quetzal, 1994.
- Idem, *Salazar: a Retórica da Invisibilidade!*, Relógio d'Água, 1995a.
- Idem, "Uma produção de silêncio", *Revista Expresso*, 16 / Dezembro / 95b.
- Idem, "A não-expressão da guerra colonial", *Público*, 24 / Abril / 95c.
- Idem, "Euforia de terror", *Elipse. Gazeta Improvável*, 3, Primavera 99, pp. 33-41.
- GODBOUT, Jacques, *L'esprit du don*, La Découverte, 1992.
- GOLDANI, Ana Maria, "Aspectos teóricos que envolvem o conceito de família e a potencial compatibilização com dados internacionais", subprojecto para Rede de Pesquisa e Desenvolvimento de Políticas Públicas, IPEA, Brasília, 1999a.
- Idem, "Famílias brasileiras e seus desafios como factor de protecção neste final de século", subprojecto para Rede de Pesquisa e Desenvolvimento de Políticas Públicas, IPEA, Brasília, 1999b.
- GOMES, Bertina Sousa, *Fareginhas – Memória de um Projecto*, CIDM, 1992.
- GORJÃO, Vanda, *Mulheres em Tempos Sombrios. Oposição Feminina ao Estado Novo*, Imprensa de Ciências Sociais, 2002.
- GUERREIRO, António, "O homossexual como pária", *Elipse. Gazeta Improvável*, 2, Outono 98, pp. 18-21.
- Hastings Center Report, *The Goals of Medicine setting new priorities, an International Project of the H. Center, Special Supplement*, Nov.-Dez. 1996.
- HIPPOCRATE (ed. 1881), *Oeuvres Complètes, Livre VIII*, Paris, Chez J. B. Baillièrre (trad. de E. Littré).
- HEILBORN, M.^a Luiza (org.), *Sexualidade. O Olhar das Ciências Sociais*, Jorge Zahar, 1999.
- Igualdade de Oportunidades entre Homens e Mulheres na Lei – Compilação de disposições nacionais e comunitárias*, CIDM, *Cadernos da Condição Feminina*, n.º 50, 1998.
- I.N.E., *Estatísticas de Saúde*, Lisboa, 2000.
- I.N.E., *Mulheres e Homens em Portugal nos anos 90*, Lisboa, 2002.
- Inquérito Nacional de Saúde 1995/96*.
- IPPF, *Charte de l'IPPF sur les Droits en Matière de Sexualité et de Reproduction*, IPPF, Londres, 1996.
- IRIGARAY, Luce, *Ce sexe que n'en est pas un*, Paris, Minuit, 1977.
- Idem, *Le Temps de la Différence. Pour une révolution pacifique*, Le Livre de poche, 1989.
- ITURRA, Raul, *A Construção Social do Insucesso Escolar, Memória e Aprendizagem em Vila Ruiva*, Escher, 1990.
- Idem, *O Imaginário das Crianças, Fim de Século*, 1997.
- JOAQUIM, Teresa, *Dar à Luz. Ensaio sobre as práticas da gravidez, Parto e Pós-Parto em Portugal*, Lisboa: D. Quixote, 1983.
- Idem, *Menina e Moça, A Construção Social da Feminilidade, Séculos XVII-XIX, Fim de Século*, 1997.
- Idem, *As Causas das Mulheres*, Livros Horizonte, 2006.

- JUSTO, João, "Gravidez adolescente, maternidade adolescente e bebés adolescentes: Causas, consequências, intervenção preventiva, e não só", in *Revista Portuguesa de Psicossomática*, n.º 2, vol. II, Jul./Dez. 2000, pp. 97-147.
- KITZINGER, Sheila, "Birth and violence against women. Generating hypotheses from women's accounts of unhappiness after childbirth", in Roberts, H., *Women's Health Matters*, Routledge, Londres, 1992, pp. 63-80.
- La Salud laboral de las Mujeres, XIV*, Instituto de la Mujer, Ministerio do Trabajo y Asuntos Sociales, Madrid, 1996.
- LABORIE, Françoise, "Femmes, embryons et hommes de sciences", *Le sexe des sciences, Les femmes en plus. Revue Autrement*, 1992.
- Idem, "Novas Tecnologias de Reprodução: risco ou liberdade para as mulheres?", *Estudos Feministas*, n.º 2/93, pp. 435-447.
- LLÁCER, Alicia, e COLOMER, Concha, "Utilización de servicios sanitarios", in ONIS, M., e VILLAR, J. (coord.), *La Mujer y la Salud en España - Informe básico*, vol. IV, Instituto de la Mujer, Ministerio de Asuntos Sociales, Madrid, 1992, pp. 74-137.
- LAQUEUR, T., *La fabrique du sexe. Essai sur le corps et le genre en Occident*, trad. M. Gautier, Gallimard, 1992.
- LERENO, Isabel, *Guia dos Direitos da Maternidade e Paternidade*, Col. Informar as Mulheres, n.º 18, CIDM, 1998.
- LISPECTOR, Clarice, *Perto do Coração Selvagem*, s/ data, Ed. Livros do Brasil.
- LOPES, Margarida Chagas, e PERISTA, Heloísa *A Posição das Mulheres no Mercado de Trabalho entre 1983 e 1990*, CISEP, 1991.
- Idem, *A Licença de Paternidade. Um Direito Novo para a Promoção da Igualdade*, CITE, 1999.
- LOURENÇO, N., LISBOA, M., e PAIS, F., *Violência contra as Mulheres*, CIDM, 1997.
- MAGALHÃES, Maria José, *Movimento Feminista e Educação. Portugal, Décadas de 70 e 80*, Celta, 1998.
- MANN, Jonathan, "Medicine and Public Health, Ethics and Human Rights", *Hastings Center Report*, Maio-Junho 1997, pp. 6-13.
- MARQUES-PEREIRA, Berengère, "Citoyenneté et représentations: quelques repères utiles à l'analyse comparative", in Alisa Del Re et Jacqueline Heinen (ed.), *Quelle citoyenneté pour les femmes? La crise des États-providence et de la représentation politique en Europe*, 1996, L'Harmattan, pp. 65-74.
- Idem e CARRIER, A. (1996), "Les droits reproductifs: vers une quatrième génération de droits", B. M.-P. e A.C (ed.), *La citoyenneté sociale des femmes au Brésil, Action collective, reproduction, informalité et domesticité*, CELAIS et L'Harmattan.
- MARTIN, E., "The Fetus as Intruder. Mother's Bodies and Medical Metaphors", in R. Davies-Floyd, *Cyborg Babies*, N. Y., 1998, pp. 125-142.
- METRASS, Célia, MEDEIROS, Helena de Sá, HORTA, M. Teresa, *Aborto. Direito ao Nosso Corpo*. Inquérito organizado por Ed. Futura, 1975.
- MORAIS, Maria Mantero, e CARVALHO, José Eduardo, *Presença das Mulheres no Ensino Superior em Portugal, Cadernos da Condição Feminina*, n.º 37, CIDM, 1993.
- MOUFFE, Chantal, *O Regresso do Político*, Lisboa, Gradiva, 1996.
- M.S./D.G.S., *A Saúde dos Portugueses*, Direcção Geral de Saúde, Lisboa, 1997.
- Necessidades não Satisfeitas em Saúde Materna e Planeamento Familiar*, Direcção Geral de Saúde, Lisboa, 2000.
- NOBILE, Annunziata, *Le contexte démographique et socio-économique de la naissance*, Conselho da Europa, Maio 1994.
- NUNES, Berta, *O Saber Médico do Povo*, Fim de Século, 1997.
- OLIVEIRA, Rosângela Soares de, CARNEIRO, Fernanda, *Corpo: Meu Bem, Meu Mal, III Seminário de Teologia e Direitos Reprodutivos: Ética e Poder*, ed. ISER, R. J., 1995.

- OMS, *As Metas da Saúde para Todos – Metas da Estratégia Regional Europeia de Saúde para Todos*, Dep. M.S., 1985.
- Idem, *Gender and Health, Technical Papers*, WHO, Genebra, 1998.
- O'NEILL, B.-J., *Proprietários, Lavradores e Jornaleiras. Desigualdade Social numa Aldeia Transmontana, 1870-1978*, D. Quixote, 1984.
- ONIS, Mercedes de, e VILLAR, José (coord.), *La Mujer y la Salud en España – Informe Básico*, vol. IV, Instituto de la Mujer, Ministerio de Asuntos Sociales, 1992.
- PARKER, Richard, *Na Contramão da AIDS. Sexualidade, Intervenção, Política*, ed. 34, 2000
- PERISTA, Heloísa, “O Uso do Tempo”, in *Indicadores para a Igualdade – Uma Proposta Inadiável*, CIDM, 1997.
- PETCHESKY, Rosalind Pollack, “Direitos sexuais: um novo conceito na prática política internacional”, in Barbosa e Parker, pp. 15-38.
- PINTASILGO, Maria de Lourdes, “Questões éticas na distribuição e utilização dos recursos para a Saúde”, Parecer n.º 14/CNECV/95, *Documentação*, vol. III (1995-1996), Presidência do Conselho de Ministros, Lisboa.
- PINTASILGO, Maria de Lourdes (coord.), *Comissão Independente de População e Qualidade de Vida, Cuidar o Futuro – Um Programa Radical para Viver Melhor*, Trinova, 1998.
- Políticas para a Igualdade na União Europeia – Elaboração de Novos Indicadores para a Sua Avaliação*, CIDM, 1996.
- Políticas Públicas para as Mulheres no Brasil: Balanço Nacional – 5 anos após Beijing*, Articulação de Mulheres Brasileiras, 2000.
- Portugal – Situação das Mulheres, 1997*, CIDM (PSM 97).
- Portugal – Situação das Mulheres, 1999*, CIDM (PSM 99).
- Protecção da Maternidade e da Paternidade – Legislação*, ed. CITE, 1998.
- Rede de Referência Materno-Infantil*, Direcção Geral de Saúde, Lisboa, 2001.
- RÉGNIER-BOHLER, Danièle, “Voix littéraires, voix mystiques”, in C. Lapisch-Zuber (ed.), *Histoire des Femmes en Occident*, vol. II (*Le Moyen Âge*), Plon, pp. 443-500, 1991.
- Relatório da Comissão sobre o Estado de Saúde das Mulheres na Comunidade Europeia*, Comissão das Comunidades Europeias, Bruxelas, 1997.
- Relatório da Comissão Interministerial para a elaboração dum plano de acção em educação sexual e planeamento familiar*, Lisboa, Setembro de 1998.
- RICH, Adrienne, *Naître d'une femme, la maternité en tant qu'expérience et institution*, Denoël-Gonthier, 1980.
- ROBERTS, Helen, *Women's Health Matters*, Routledge, 1992.
- RODRIGUES, J. A., “Continuidade e Mudança nos Papéis das Mulheres Portuguesas Urbanas: o Aparecimento de Novas Estruturas Familiares”, *Cadernos da Condição Feminina*, n.º 40, 1995.
- ROSETA, Helena, “O PS, o aborto e o julgamento da Maia”, *Público*, 29 Janeiro 2002.
- ROUSSELLE, A., “Gestes et signes de la famille dans l'Empire romain”, in A. Burguière, C. Klapisch-Zuber, M. Segalen e F. Zonabend (eds.), *Histoire de la Famille*, vol. I, *Mondes lointains, Mondes anciens*, A. Colin, pp. 231-269, 1986.
- SÁ, Eduardo, *A Maternidade e o Bebé*, Fim de Século, 1997.
- Salud laboral de las Mujeres (La)*, XIV, Instituto de la Mujer, Ministerio do Trabajo y Asuntos Sociales, 1996.
- SANTOS, Boaventura Sousa, “O Estado, a Sociedade e as Políticas sociais: o caso das políticas de saúde”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n.º 23, Setembro 1987, Coimbra, pp. 13-74.
- Idem, “O Estado, as relações salariais e o Bem-Estar social na semiperiferia: o caso português”, idem (coord.), *Portugal: Retrato Singular*, Afrontamento, Porto, 1993, pp. 17-56.

- Idem, "Onze teses por ocasião de mais uma descoberta de Portugal", in *Pela Mão de Alice, O Social e o Político na Pós-Modernidade*, Afrontamento, 1994.
- Saúde Reprodutiva. *Doenças Infecciosas e Gravidez*, Direcção Geral de Saúde, Lisboa, 2001.
- Saúde Reprodutiva. *Planeamento familiar*, Direcção Geral de Saúde, Lisboa, 1998.
- Saúde. *Um Compromisso. A Estratégia de Saúde para o Virar do Século (1998-2002)*, Ministério da Saúde, 1999.
- SCHNEIDER, Monique, *Généalogie du masculin*, Aubier, 2000.
- SEGALEN, Martine, *Mario et femme dans la société Paysanne*, Flammarion, 1980.
- SILVA, José Carlos Gomes da, *Identidade Roubada. Ensaio de Antropologia Social*, Gradiva, 1994.
- IDEM E PERISTA, Heloisa, "As Portuguesas e a União Europeia, Prospectiva para a acção", *Cadernos da Condição Feminina*, n.º 44, CIDM, 1995.
- SISSA, Giulia, "La famille dans la cité grecque (v^e-iv^e siècles av. J.-C.)", in A. Burguière, C. Klapisch-Zuber, M. Segalen e F. Zonabend (eds.), *Histoire de la Famille*, vol. I, *Mondes lointains, Mondes anciens*, A. Colin, pp. 163, 193, 1986.
- Idem, "Philosophies du genre. Platon, Aristote et la différence des sexes", in P. Schmitt Pantel (ed.), *Histoire des Femmes en Occident*, vol. I (*L'Antiquité*), Plon, pp. 65-99, 1991.
- Idem, *L'âme est un corps de femme*, Odile Jacob, 2000.
- STANLEY, L. (ed.) (1997). *Knowing Feminisms, On Academic Borders, Territories and Tribes*, Sage Publication, Londres.
- TABET, P., "Fertilité naturelle, reproduction forcée", in Claude-Mathieu, Nicole (org.), *L'arrondissement des femmes. Essais en anthropologie des sexes, Cahiers de l'Homme*, série XXIV, E.H.E.S.S., 1985.
- TAHON, Marie Blanche, *La Famille désinstituée - Introduction à la Sociologie de la Famille*, Presses de l'Université d'Ottawa, 1995.
- TAVARES, Manuela, *Movimentos de Mulheres. Roteiro Cronológico - 70-90*, Depart. das Mulheres da UDP, 2000.
- TUBERT, Silvia, *Mulheres sem Sombra - Maternidade e Novas Tecnologias Reprodutivas*, Rosa dos Tempos, Rio de Janeiro, 1996.
- Idem, *Figuras de la madre*, Cátedra, 1996.
- Idem, *Figuras del padre*, Cátedra, 1997.
- VALE DE ALMEIDA, Miguel, "O sexo hipócrita", *Público*, 9 Junho 1993.
- Idem, *Senhores de Si, Uma Interpretação Antropológica da Masculinidade*, Fim de Século, 1995.
- VALIENTE, Célia, *The Feminist Movement in Post-authoritarian Portugal and Spain (1974-1997)*, polic., Univ. Autonoma Madrid, 1997.
- VALS-LOBET, Carme, "Aspectos de la morbilidad diferencial", in *Cuadernos CAPS*, n.º 16, Outono 1991, Barcelona, pp. 8-32.
- Idem, "Salud laboral y morbilidad", in *Mujeres, Trabajo, Salud, Cuadernos CAPS*, n.º 24, Primavera 1996, pp. 7-14.
- Idem, "Conclusiones Forum Estatal: Mujeres, Trabajo, Salud", in *Cuadernos CAPS*, n.º 24, Primavera 1996, pp. 39-45.
- VAQUINHAS, Irene, "Breve reflexão historiográfica sobre a história das mulheres em Portugal: o século XIX", in *Faces de Eva*, n.º 3, 2000, pp. 81-91.
- VASCONCELOS, Pedro, "Práticas e discursos da conjugalidade e da sexualidade dos jovens portugueses", in Cabral, Manuel Villa-Verde, e Pais, João Machado (org.), *Jovens Portugueses Hoje. Resultados do Inquérito de 1997*, Celta, 1998, pp. 215-305.
- VICENTE, Ana, *As Mulheres em Portugal na Transição do Milénio, Valores, Vivências, Poderes nas Relações Sociais entre os Dois Sexos*, Multinova, 1998.

- IDEM E SOUZA, M.^a Reynolds, *Planeamento Familiar em Portugal. Como se Desenvolve Um Projecto de Informação e de Educação*, C. C. F., col. Planeamento familiar, 1983.
- VILAR, Duarte, "Aborto: representações e práticas", in *Sexualidade e Planeamento Familiar*, n.º 32, Nov.-Dez. 2001, pp. 13-18.
- WALL, Karin, "Indicadores da Discriminação de Género na Família – Comentário", in *Indicadores para a Igualdade – Uma Proposta Inadiável*, CIDM, 1997.
- W. H. O., *Gender and Health, Technical Papers*, WHO, Genebra, 1998.
- WOLF, Naomi, *O Mito da Beleza*, Círculo de Leitores, Lisboa, 1994.